

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM A CINEFIESTA**  
**27 e 30 de Novembro de 2021**

**EL DIARIO ROJO / 1982**

*Um filme de Juan Carlos Olaria*

Realização e Argumento: Juan Carlos Olaria / Interpretação: Joan Estrada (Juan), Ana Sales (Ana), Jaime Pirineos (Jaime), Juan Carlos Olaria (médico), Sandra Ros (prostituta), Santiago Lapeira (amigo), Loly Soria (secretária), Carles Velat (atacante), etc.

Produção: Interplanetary Films / Produtor: Juan Carlos Olaria / Cópia: digital, preto e branco, falada em espanhol com legendagem electrónica em português / Duração: 89 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Sessão de dia 27 apresentada por Carlos Reviriego.

\*\*\*

Ainda há muitas pérolas de brilho “underground” a descobrir cabalmente no cinema espanhol de entre as décadas de 1960 e 1980. Quer em Madrid (onde vivia e trabalhava, por exemplo, Ivan Zulueta), quer em Barcelona, cidade onde um vibrante “underground” (com um forte cariz de resistência política à ditadura franquista) deu origem, por exemplo, ao cinema de Pere Portabella (que há poucos anos esteve aqui na Cinemateca), entre outros nomes.

Natural de Saragoça, onde nasceu em 1942, mas com parte importante da sua vida e do seu trabalho desenvolvida em Barcelona, Juan Carlos Olaria é outro representante de um cinema excêntrico e fortemente pessoal que só há muito pouco tempo começou a ser recuperado do esquecimento a que esteve, durante décadas, votado. Fanático por cinema e, especialmente, por universos de ficção científica, desde a mais tenra idade, foi ainda adolescente que Olaria começou a filmar curtas-metragens em 8mm, algumas delas, pelas descrições disponíveis, exemplares de uma “fc” caseira. Olaria continuou, já jovem adulto, a fazer as suas curtas metragens, até que, no final dos anos 60, um encontro cinematográfico o impressionou fortemente: foi **Night of the Living Dead**, de George Romero, e o impacto do terror artesanal, “low budget”, de Romero, sobre o jovem Olaria foi tão assertivo que o convenceu de que poderia também, com poucos meios, fazer um filme de ficção científica de longa-metragem. E assim, uns anos depois, em 1976, com dinheiro dado (ou emprestado) pelo pai, Olaria completou **El Hombre Perseguido por un OVNI**.

Seis anos depois, em 1982, ficou pronta a sua segunda longa-metragem – este **El Diario Rojo** que vamos ver hoje. **El Diario Rojo**, que se joga em território bastantes diversos da ficção científica, mesmo se – no estilo ou nas ressonâncias mais do que na intriga propriamente dita – mantém alguma proximidade com algumas declinações do horror (o nome que o filme mais nos traz ao espírito é porventura inesperado mas, no entanto, completamente contemporâneo de Olaria: David Cronenberg, que também passou o início da carreira no artesanato “low budget” em invocação de “fc” e horrores variados), ficou inédito durante quase quatro décadas inteiras. Reza a história que Olaria, uma vez o filme pronto, o mostrou a um distribuidor de Barcelona, confiando na possibilidade de ele o querer estrear comercialmente. Não só não quis como disse do filme coisas que Olaria entendeu como tão desagradáveis e desencorajantes que o realizador pura e

simplesmente desistiu do filme, e o enfiou na gaveta sem voltar a fazer qualquer tentativa de o mostrar publicamente. Muito recentemente – falamos do final da década de 2010 – alguns programadores e cinéfilos espanhóis começaram a divulgar o cinema artesanal de Olaria, havendo notas de retrospectivas das suas curtas-metragens de juventude. A atenção assim chamada à obra de Olaria levou à descoberta (nem se pode propriamente chamar uma “redescoberta” àquilo que sempre esteve escondido) de **El Diario Rojo**, que já este ano, na Filmoteca Española, foi mostrado na cópia digital, recém-tirada, que vamos ver. Entretanto, Olaria passou os últimos a trabalhar na sua terceira longa-metragem, **El Hijo del Hombre Perseguido por un Ovni**, que foi apresentada em 2020.

**El Diario Rojo** – que não tem nada de “vermelho”, antes se passando num preto e branco granuloso, com a luz “queimada”, conservando esta limpeza digital um pouco do borrão dos 16mm em que foi filmado – lembra de facto algumas coisas de Cronenberg, aqueles que filmes que votam às coisas do corpo uma assombração quase horrorizada. Não há sombra de “fc” ou de temáticas de “horror”, estamos na história de um casal, uma história de uma gravidez e de uma crise matrimonial – que, nas dúvidas quanto à progenitura, desperta fantasmas classicamente masculinos – e essa história, que é sobretudo um périplo mais ou menos alegórico do protagonista face aos seus medos, inseguranças e impotências, é dada de forma sequíssima, às vezes num “brutalismo” (a cena de sexo com a prostituta, e evidentemente a cena do parto) que se recusa a virar a cara, nem dá ao espectador hipótese de o fazer.

Luís Miguel Oliveira